

Poesias pra quem não sabe ler

Por

Clodoaldo Turcato

Prefácio por mim mesmo

Este é primeiro livro de poesias, aliás meu primeiro livro publicado. Estou na segunda edição, não que o livro tenha atingido algum sucesso, apenas cem foram impressos e logo acabou. Mesmo eu fiquei sem nenhum exemplar. Então decidi republicar, com a mesma capa e algumas mudanças, inclusive neste prefácio, que tinha a descrição ingênua abaixo:

"As poesias publicadas neste livro não seguem métrica ou rima, e nem tendem a serem classificadas em gênero algum. São expressões da vivência pessoal de um homem que enfrenta enxerga a vida a sua maneira, refletindo em todo o texto momentos de alegria, tristeza, amargura, esperança, fé, religiosidade, sarcasmo..., nunca levado o leitor para uma viagem inocente e sim coloca-o diante de uma vida comum.

É justamente na vida comum que o autor busca toda sua inspiração: ruas, praças, animais e acima de tudo pessoas, são temas constantes. A cidade de Recife, residência do Autor, é versada em grande parte da obra. Não existem indícios de amor ou ódio por ela, já que cada texto se atem a fatos separados. Em um único momento o

Autor declara amor pela cidade, não exatamente pela cidade, mas pela Praia de Boa Viagem, um amor não correspondido, dividido.”

Mudanças que denotam algum crescimento como escritor e novas percepções que não tive na primeira viagem. O amor aqui é tratado com carinho, a vida com esperanças e os sofrimentos escondidos: eu estava apaixonada e vibrando, com uma mudança radical de vida, saindo da lógica e percebendo ao meu redor outros seres que tem seus problemas mas seguem adiante.

É o poeta se forjando, enchendo seu peito de tristeza para poder encarar a novidade da poesia. Na época que fiz a primeira poesia, Leia-se triste, morava no bairro da Várzea, Recife. A cidade era desconhecida para mim e nela encontrei encantos nunca vistos, exagerados. Recife era mais feia, com mais gente na rua, misérias nos cartões postais, porém mais próxima. Hoje ela cresceu e se misturou a estes idealistas progressivos que arrancam pedaços velhos para construir arranha-céus, com gente se empilhando e se fechando cada dia mais.

É um livro simples, mas como um primeiro filho, o parto prematuro que nunca esquecerei.

Tenho carinho por cada poesia aqui, mesmo que não tenha a qualidade (não sei) dos outros livros, justamente por ser ingênuo, mas adoro-o.

Sejam benevolentes e leiam sem esperar demais, embora tenho certeza que pode surpreender.

A barba

Eu agora sou mórmon
Em meu rosto barbado
Agora transformado
Na ascendência de uma lâmina

Logo serei rufião
Cavanhaque e cartola
Basta que o bigode cresça
Para a metamorfose

Faço do rosto enclaustrado
Pelo tempo encarquilhado
Jovial, belo, rugas à mostra
Corte rente, lambuzado de Bozzano

No conseguente pelos crescem
Numa constante renascença
Parecendo gatafunhos
Preteando minha face

Logo um novo rosto surge
Ao bel prazer do ungido
O que antes falecido
Vira costeleta Presley
Um Dumont sisudo